

A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES COMO MEIO DE EXPRESSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Cynthia Fialho Campos¹
Magalí de Paula Silva Santana²
psicomagalisantana@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Humanas

RESUMO

A Rede APAE integra a sociedade civil em concomitância retórica com a sociedade política, sendo responsável por realizar a Educação Especial. O objetivo desse trabalho é ressaltar a importância das atividades no contexto da educação especial. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que fez parte do cumprimento do estágio supervisionado do curso de Psicologia da Faculdade Univértix e foi realizado através de observação de uma Instituição APAE. Os resultados mostram que há uma falha no momento da aplicação das atividades, de maneira que, um dos compromissos do professor é criar planos de ação que visem motivar todos os alunos e os incluam nas atividades, despertando neles o desejo de participar constantemente e ativamente das atividades sugeridas.

PALAVRAS-CHAVE: APAE; atividades; alunos; deficiência.

INTRODUÇÃO

Considerando que, em meados do século XVI, deu-se início a educação especial, evidencia-se que, os deficientes, antes vistos como sinônimo de desgraça social, começam a receber um olhar diferente por parte de uma parcela, ainda pouco significativa, da população (DUPIN & SILVA, 2020). Anos mais tarde, intitulada no Brasil como um atendimento institucionalizado, por meio da promulgação da Constituição Federal de 1988, que impõe como dever "atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino", de acordo com o artigo 208, inciso III, entende-se um avanço significativo da visão popular em relação aos portadores de deficiência (BRASIL, 1988).

¹ Acadêmica do 6º período de Psicologia do Centro Universitário Univértix.

² Psicóloga, psicopedagoga, professora do Centro Universitário Univértix.

Nesse mesmo contexto, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), nascida na década de 50, sendo produto de um movimento sem antecedentes, apresenta-se como meio de integração dessa inclusão, oferecendo as pessoas portadoras de deficiência intelectual, prestação de assistência médico-terapêutica (ABREU & BRAZ, 2022). Assim, tomando por princípio o modelo biomédico, percebe-se a influência de um contexto histórico, onde, por muito tempo, as pessoas com deficiência foram entendidas como seres anormais, sendo internadas em hospitais psiquiátricos como forma de conter a loucura (FOUCAULT, 1975).

Nise da Silveira, surge no Brasil dentro desse linear opressor intitulado pela psiquiatria. Assim, por meio de atividades expressivas, ou seja, da arte como forma de expressão, promulgou formas inovadoras de cuidado em saúde mental (MEDEIROS & SILVA, 2021).

Dessa maneira, a escolha do tema desse artigo, advém da experiência de estágio em uma unidade da APAE, especificamente pela curiosidade das atividades no ambiente da educação especial. As atividades como forma de expressão, podem ser entendidas como um recurso utilizado como promoção da arte como linguagem, visando ultrapassar os limites que a pessoa com deficiência possui por meio da música, da pintura e da modelagem, por exemplo (MEDEIROS & SILVA, 2021).

A partir de observações feitas na APAE, buscou-se identificar a presença dessas atividades no contexto educacional, entendendo se elas se constituem enquanto promotoras de desenvolvimento, ou como forma de infantilizar os alunos por serem vistos como incapazes.

A hipótese para o trabalho em questão, é que atividades bem elaboradas, no contexto do aluno, são geradoras de autorrealização e crescimento intelectual.

Diante disso, o objetivo desse trabalho é ressaltar a importância das atividades no contexto da educação especial.

Trabalhos como estes são importantes para demonstrar que alunos portadores de deficiência intelectual, quando bem direcionados, identificados em suas individualidades, são passíveis de evolução no âmbito escolar.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Enquanto instituição constituinte do Estado, a Rede APAE, integra a sociedade civil em concomitância retórica com a sociedade política, constituindo de acordo com Melo e Silva (2015), “um terceiro setor que influencia as políticas públicas para as pessoas com deficiência”.

Nesse sentido, as APAEs são responsáveis por realizar a Educação Especial, sendo previsto no artigo 58, inciso I, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que a educação especial só poderá ser prestada quando “em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular”.

À vista disso, o atendimento educacional especializado, se diferencia do realizado em sala de aula comum, contudo, as atividades desenvolvidas tem função de efetuar a formação dos alunos visando independência dentro e fora da escola, sendo propiciadoras de autonomia, articulando-se assim, dentro da mesma proposta pedagógica do ensino comum. Em função disso, a educação especial em seu atendimento, deve fornecer programas que engrandecem o currículo, assim como, códigos de comunicação e sinalização específicos, o ensino de linguagens, e assim por diante (BRASIL, 2008).

Dessa forma, o professor do atendimento especializado, diante do planejamento na Educação Especial, deve estar à procura de soluções para garantia de evolução no desenvolvimento funcional e educacional do aluno portador de deficiência. O mesmo, deve estar apto a seleção de atividades a serem aplicadas, fazendo um processo preciso de acompanhamento, onde consegue identificar

dificuldades e avanços do aluno, levando em conta sua subjetividade, seu modo de ser, agir, pensar e sobretudo, seu modo singular de aprender (SANTOS, 2019).

Nessa perspectiva, o Estado deve pensar no planejamento escolar enquanto capacitador dos profissionais envolvidos no sistema de ensino, tornando-os capazes de oferecer um ensino de qualidade àqueles que necessitam de atenção e cuidados específicos (LUNA, LEITE & SANTOS, 2017).

Logo, a ação didática na Educação Especial é planejada de acordo com a elaboração de atividades, procedimentos e recursos que se enquadrem no perfil de cada aluno que se beneficia do atendimento especializado, sendo assim, niveladas no Plano de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Destarte, constituída como um serviço de apoio da Educação Especial, o AEE, desenvolve e ordena recursos educacionais e de disponibilidade, levando em conta as necessidades de cada aluno com deficiência, direcionando-os para que adquiram independência dentro e fora da escola (SANTOS, 2019).

A priori, pode-se considerar as atividades enquanto promotoras de desenvolvimento intelectual e psicomotor, gerenciadoras de um contexto de completo bem-estar dos alunos especiais. Pode-se evidenciar temas cruciais para o desenvolvimento de atividades no ambiente da Educação especial, como, por exemplo, sobre a alimentação saudável, buscando trabalhar a educação alimentar entre os alunos, uma vez que, há um impacto negativo significativo em relação as pessoas portadoras de deficiência, sendo que apresentam vulnerabilidades por suas deficiências levando-as a não terem uma alimentação saudável, ocasionando problemas como, obesidade, baixo peso, dentre outros (CAMPOS, 2015 *apud* SOUSA, 2018).

De modo que, as atividades lúdicas podem servir de auxiliadoras nesse processo educacional e na discussão de possíveis temas, como afirma Sousa (2018), o lúdico “é capaz de construir interações entre alunos e o seu professor, (...)

é uma ferramenta que o professor pode utilizar para estimular o desenvolvimento e a interação em sala de aula, tanto o desenvolvimento social como a aprendizagem”.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que é conduzida quando se busca ofertar poder aos indivíduos afim de partilhar suas histórias, minimizar as relações de poder entre pesquisador e participante de um estudo e, ouvir suas vozes. Além disso, a pesquisa qualitativa é importante para que se faça a compreensão de ambientes ou contextos em que aqueles que participarão de um determinado estudo se encontram, retratando uma questão ou problema (CRESWELL, 2014).

Este estudo faz parte do cumprimento do Estágio básico supervisionado do curso de Psicologia da Faculdade Univértix e foi realizado por meio da observação. De acordo com Danna e Matos (2011, p. 12), “a observação é um instrumento de coleta de dados que permite a socialização e conseqüentemente a avaliação do trabalho do cientista”. É então, por meio da observação de comportamentos e situações ambientais percebidas em campo, que se faz possível analisar que ambos possuem relação entre si. Dessa maneira, as observações, objetivam, descobrir a validade de um procedimento em função de um determinado comportamento, ao passo que este é o ponto de partida que direciona os dados que a serem coletados (DANNA e MATOS, 2011).

A instituição observada foi a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) localizada numa cidade do interior de Minas Gerais, em prédio doado pela Prefeitura. Trata-se de um local que se estrutura a partir de um pátio, uma sala para fisioterapia, uma sala para psicologia e fonoaudiologia, sala de recepção, sala para secretaria, sala para rouparia, refeitório, cozinha, despensa, área de serviço, banheiros feminino e masculino, salão, bar e quatro salas de aula.

A observação foi realizada no mês de fevereiro, março, abril, maio e junho de 2022, em períodos alternados de horários totalizando trinta horas. A observação acontecia de forma sistemática, onde foi feito acompanhamento dos alunos nas diferentes atividades no período de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o desenvolvimento das atividades do Estágio Supervisionado foi observado o contexto escolar dos alunos perante as aulas e suas relações extraclasse. Diante da escolha do tema deste artigo, será apresentado aqui, com base na experiência vivenciada no campo educacional, o desenvolvimento das atividades na APAE e a interação do aluno-professor.

Primeiramente, vale ressaltar as atividades artísticas que foram propostas aos alunos em período de aula, sendo expressas por meio da música e da dança, por exemplo. Como afirma Chiaradia e Barbosa (2018) “Por meio desta vivência artística, o sujeito pode se desvelar pelas formas criadas em modos de ser até então ignorados por ele mesmo como também revelar-se e projetar-se em novos modos de ser e estar no mundo”.

Faz-se necessário evidenciar o fato de que nem todos os alunos se envolviam com as atividades propostas, ao passo que, deixavam de realizá-las, faziam sem demonstrar interesse e até reclamavam das mesmas quando aplicadas. Ademais, fez-se perceptível uma certa monotonia na execução das atividades em sala de aula, sendo destinado aos alunos, prioritariamente, atividades de colorir, o que não promove uma desenvoltura e nem causa interesse nos mesmos, à medida que, são compostos em sua maioria por adultos.

Destarte, há uma contraposição ao novo ideário pedagógico proposto pelo contexto de mudanças e transformações advindas da implementação das APAEs no âmbito educacional, de modo que, deve se pautar na inclusão e assim, buscar trabalhar na concepção de uma mentalidade que busque a evolução do aluno nos

estudos, ao mesmo tempo, a partir dessa visão inclusiva, haja vista um desenvolvimento contínuo do aluno nos estudos, sendo geradora de convivência social, igualdade de oportunidades, respeito e socialização (OLIVEIRA, 2018).

Outra problemática que se faz visível nesta unidade da APAE, está na conjuntura de que quase todos os alunos não dominam a leitura e nem a escrita, o que os impossibilita de adquirir espaços próprios de conhecimento e aprendizagem. No ato do aprendizado, os educandos que não sabem ler e nem escrever, desconsideram os saberes constituídos historicamente e diariamente adquiridos, ocupando um lugar mais baixo no seio social, sendo considerados incapazes de posicionar-se em novos espaços e desfazer as barreiras sociais (SOUZA & SILVA, 2018).

Além disso, vale considerar as aulas de educação física como momentos nos quais as atividades propostas trabalham a parte motora dos alunos, outrossim, percebe-se uma adesão da maioria dos alunos ao que lhes era apresentado, contudo, alguns deles não se viam envolvidos o suficiente para participar. Posto isto, entende-se que há uma falha no momento da aplicação das atividades, de maneira que, um dos compromissos do professor é criar planos de ação que visem motivar todos os alunos e os incluam nas atividades, despertando neles o desejo de participar constantemente e ativamente das atividades sugeridas (MARTINS *et al.*, 2019).

No decorrer do estágio, foram trabalhadas brincadeiras como, por exemplo, pular corda, jogar bola, jogar peteca, tal qual, atividade de pescaria com tampas de garrafas e prendedores, em função de trabalhar a motricidade com o movimento de pinça, para mais habilidades. Para que o desenvolvimento dessa e das demais competências existentes seja contínuo, faz-se necessário que o professor adapte suas aulas, respeitando as limitações do aluno, valorizando suas potencialidades físicas, psicológicas, sociais ou emocionais (MARTINS *et al.*, 2019).

Referenciando Fernandes e Gama (2018), a proposta das atividades diante da pessoa com deficiência é:

incluí-la no seu processo e dar-lhe a palavra para que fale e não apenas seja (mal) falada. É, ainda, insistir numa singularidade que dê lugar a seus impasses, não necessariamente como “fracasso”, mas como um caminho que abra as portas do desejo, a ser construído um a um... numa aposta que a vontade – como consequência - seja retomada...

Nesse sentido, entender e vislumbrar as atividades com outros olhos, é essencial para que se perceba as expressões transmitidas pelos alunos quando estão executando-as. O ato de pitar, ou mesmo colorir, pode implicar na gestão das cores a demonstração de sentimentos interiorizados por meio da experiência de cada aluno. A partir da escolha de uma cor, pode expressar uma alegria, uma ansiedade, ou mesmo um pedido de socorro. Há possibilidade de observação de uma fala não dita diante das atividades, assim como, mediante à intervenção do educador, a transformação de sentimentos torna-se possível, passando a ser compreendidos e reconstruídos quando necessário (SOUZA & BARCELLOS, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conseguinte, diante do que foi descrito neste artigo, pensar nas atividades como forma de expressão das pessoas com deficiência envolve dizer que as mesmas são portas de entrada para um mundo interno que na maioria das vezes encontra-se inacessível à realidade.

A construção de saberes e a participação efetiva dos alunos com deficiência, pode ser concretizada a partir de pequenas ações no grupo de professores. Fazer o que é possível, com os recursos que se tem, é uma forma válida de implementar novas possibilidades de exteriorizar talentos, sem comprometer aquele que aprende (JULIANO, LAURINO & SILVA, 2021).

Muitas atividades e jogos podem ser feitos dentro da própria instituição escolar, a partir de materiais fáceis de serem encontrados e que muitas vezes não

demandam gastos, exemplificando, o rolo de papel higiênico na elaboração do corpo humano, dentre outras práticas descomplicadas e que fazem diferença na aprendizagem do educando (JULIANO, LAURINO & SILVA, 2021).

Portanto, mesmo que nem todos os alunos participassem das atividades propostas, para muitos, as atividades, principalmente nas aulas de educação física, faziam parte de um momento recreativo onde cada um participava de formas diferentes, expressando suas individualidades, concretizando a alegria dos alunos em vários momentos e a participação ativa da maioria deles.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caroline Teixeira de; BRAZ, Laura Gonzales. **A contribuição da APAE na educação inclusiva da pessoa com deficiência**. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Franca/SP, 2022. Acesso em: 18 jun. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12 abr. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ldb.htm>. Acesso em: 13 abr. 2022.

BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/PNE.educacaoinclusiva.htm>. Acesso em: 13 abr. 2022.

CHIARADIA, Anna Paola Xavier; BARBOSA, Claudia Waltrick Machado. **Arte terapia como objeto de escuta terapêutica: vivenciando junto às mães de crianças com deficiência na APAE e AEE**. Centro Universitário UNIFACVEST, 2018. Acesso em: 17 jun. 2022.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa; revisão técnica:

Dirceu da Silva. 3. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Penso, 2014. Acesso em: 17 jun. 2022.

DANNA, Marilda Fernandes e MATOS, Maria Amélia. **Aprendendo a Observar**. 2 ed. São Paulo: EDICON, 2011.

DUPIN, Aline Aparecida da Silva Quintão; SILVA, Michele Oliveira da. Educação especial e a legislação brasileira: revisão de literatura. **Scientia Vitae**. v.10, n.29, jul/set. 2020.

FERNANDES, Maria Cristina Maia de Oliveira; GAMA, Juliana Fonsêca de Almeida. **Vontade, desejo e fracasso escolar: inclusão ou exclusão?** Universidade Católica de Pernambuco – III CINTEDI, 2018. Acesso em: 15 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia**. Biblioteca tempo universitário. II Tempo brasileiro. Rio de Janeiro, 1975. Acesso em: 12 abr. 2022.

JULIANO, Andréa Nóbrega; LAURINO, Débora Pereira; SILVA, Simone Silveira. Atividades lúdicas inclusivas junto a alunos com deficiência intelectual nas aulas de Ciências. **Ahead of Print**. v.34, n.2, Porto Alegre, jul-dez. 2021. Acesso em: 15 jun. 2022.

LUNA, Moisés Saraiva de; LEITE, Maria Oderlânia Torquato; SANTOS, Jahyra Helena Pequeno dos (Orgs.). **Direitos Humanos: limitação do Poder, Dificuldades de Efetivação e a Dignidade da Pessoa Humana dos Grupos Sociais Vulneráveis**. [recurso eletrônico] / Moisés Saraiva de Luna; Maria Oderlânia Torquato Leite; Jahyra Helena Pequeno dos Santos (Orgs.) - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

MARTINS, Leonardo Tavares *et al.* Inclusão de pessoas com deficiência na educação física escolar: um desafio possível ou utopia? **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 2, p. 185-192, jul./dez. 2019. Acesso em: 15 jun. 2022.

MEDEIROS, Monica Tritone; SILVA, Elza Maria Tavares. Benefícios da arteterapia para idosos: uma revisão de Nise à pandemia. **Revista Longeviver**, v.11, n.2, p.22-29. Acesso em: 17 jun. 2022.

MELO, Douglas Christian Ferrari de; SILVA, João Henrique da. **As políticas públicas de educação especial e a FENAPES sob o olhar gransciano**. II Colóquio de Educação Especial e Pesquisa: História, Política, Formação e Práticas Pedagógicas. Sorocaba, SP. Abril de 2015. Acesso em: 13 abr. 2022.

OLIVEIRA, Maria Auxileide da Silva. **APAE: das concepções filosóficas as implicações pedagógicas para a inclusão das pessoas com deficiência em Rio Branco - Acre.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte – III CINTEDI, 2018. Acesso em: 15 jun. 2022.

SANTOS, Luciana de Jesus Botelho dos. Planejamento da ação didática na educação especial: compreensões necessárias na elaboração do plano de AEE. **Revista Ciências Humanas - Educação e Desenvolvimento Humano - UNITAU,** Taubaté/SP - Brasil, v. 12, n. 1, p. 98 - 113, jan. abr. de 2019. Acesso em: 14 abr. 2022.

SOUSA, Halluma Dayane da Silva de. **O uso do lúdico no desenvolvimento de pessoas com necessidades educativas especiais da associação de pais e amigos dos excepcionais (APAE) de Chapadinha - MA /** Halluma Dayane da Silva Sousa, 2018. 27 p. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOUZA, Beatriz Alice Kullmann de; BARCELLOS, Eliana Cristina Caporale. **A busca pela identidade e o despertar da autoestima através da arte: uma vivência entre adolescentes em situação de vulnerabilidade social.** Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v. 4, 2016. Acesso em: 15 jun. 2022.

SOUZA, Francinilda Rufino de; SILVA, Jomar Ricardo da. **Papagaio velho não aprende mais a falar: a educação humanística numa perspectiva libertadora.** Universidade Estadual da Paraíba- UEPB – III CINTEDI, 2018. Acesso em: 15 jun. 2022.